

Primípara

Primípara

Maria Clara Montalvão

Graduada em Ciências Sociais e mestranda em Cinema e Audiovisual pela UFF

Resumo: Primípara quer dizer um bicho na primeira gestação, assim como este conjunto de poemas escritos por Maria Clara Montalvão. A autora conta que os poemas foram produzidos em oficinas de escrita, que foram momentos de exercício coletivo de recursos da poesia contemporânea. Os poemas de *Primípara* têm aroma de arruda, alecrim e canela que suscitam imagens de tecnologias, corpos, casas e bichos em cenas domésticas e urbanas.

Palavras-chave: Poemas brasileiros. Poesia Brasileira. Poesia contemporânea.

Resumo: Primípara means an animal in its first pregnancy, as well as this set of poems written by Maria Clara Montalvão. She says that the poems were produced in writing workshops, which were moments for collective exercise of contemporary poetry resources. Primípara's poems have an aroma of rue, rosemary and cinnamon that evoke images of technologies, bodies, houses and animals in domestic and urban scenes.

Palavras-chave: Brazilian poems. Brazilian poetry. Contemporary poetry.



[sem título]

só tivemos eletricidade em 1883

de lá para cá,
criaram-se cantos em plantações de cana
fizeram do sol fonte de renda
desviaram o percurso do rio
e tentam também tirar
petróleo das paixões

you sabe
eu nunca me dou por vencida

aquela última ponte tem
mais cheiro de fósseis
que o fundo das nossas baías

por dentro a gente ainda é turmalina
por isso você sempre percebeu uma sombra
por isso você quis fazer de mim fantasia
por isso eu preciso perder os móveis

perder você
perder poetas
lembrar o paraíba do sul
nossas tardes canoas terras férteis e alongadas

como o tempo
insiste em fazer marcações
lembrando sobrenomes
estampados nas placas

nós vimos
cabeças depois de adormecer
senhoras acendendo velas na rua

you entende?
eles podem deixar ilhas em mim
como fizeram com o rio

todos foram avisados sobre a crise hídrica, menos nós

para bia praça

o que me invade não é diferente
das suas rezas fortes
desemprego ou curvas de gênero
em composição com o sofá que é gente
e espirra com o que ainda não foi aspirado
na geladeira que congela mais que o necessário
enchendo a casa e te forma gelo
até estar derramada no chão frio
de todos os cômodos
cuidando dos bichos desfeitos
residentes em minha caixa d'água

mesmo triste há três dias
você veste as roupas mais bonitas desse bairro
seu cabelo brilha ainda mais quando cruza a saldanha marinho
pega a contramão na rua dos goytacazes
assumindo riscos em duas rodas
estar sozinha ou ser parte do todo
com as forças todas que nos invadem
o boiadeiro, o moço do picolé
os doces das senhoras que pulam janelas
saber o *timing* das pequenas revoluções

você só ficaria mesmo uns dias
tempo necessário para as plantas tomarem conta da casa
tempo necessário para o gato mudar de nome
robertinho

despedida

para registrar minha arruda preciso
mantê-la viva
com o dedo na terra vou até suas entranhas
para ouvir
esse vaso não nos cabe mais

na madrugada espalhamos álcool setenta pela casa
acendem incensos luzes coloridas
ela dança no chão conta sobre o mercado municipal
quando era invadida pelo preço dos biscoitos
como suas irmãs gostam de ser cuidadas
com pouca água ardente e sol pela manhã
afagos depois do almoço

fomos de bicicleta visitar minha avó
nesse dia pedi que ela cuidasse
da pequena arruda

nos despedimos de longe
não conseguia vê-la assim
sou covarde feito planta carnívora
ela me disse, já fraca
existe um diferente tipo de céu para seres inanimados

quando vi,
folhas arredondadas deram lugar aos pelos
um caule magro para cada canela

[sem título]

olho o relógio até que alguma hora seja
sete
músicas quando estou triste
fico nua de frente ao rio
o quadril desprende águas
entre tantas trombas

danço com os mortos
em festejo acendo um incenso com seu perfume
guardado entre lenços no armário
comido por cupins

floriculturas todas carregam seu nome
a senhora com as mãos sujas de terra dá vida às cores
ela já sabe quando vou atrás de arrudas
ela já sabe quando preciso de canelas

água quente espera que me deite
às sete

amor não é uma entidade própria dos mamíferos

o homem diante das próprias valas
conta com sua amiga retroescavadeira
ela veste um estofado que distribui bem
o peso do homem
ele veste jeans rasgado e pequenas demolições

sua amiga new holland
tem tração nas quatro rodas
faz todo tipo de serviço
no centro do seu esqueleto amarelo
moram sinais e botões que dizem
respeito à vitalidade das máquinas

quando homem escuta apito
aperta ainda mais botões
quer sentir a ventania das coisas
fora dos salões automotivos

retroescavadeira e homem
estão com flechas apontadas
para o tempo de duração dos motores
são acostumados a remover resíduos

escavam poeira

orvalho do mar

alecrim primeiro faz floreio
chega em muda sacola
com seu aroma que derruba
antigas especiarias

saiu de sua terra bem cedinho
– não é das raízes que sinto falta
junto das plantas estatutárias na sala
com elegância dos compassos
cantados por pastorinhas
seca ao som do meio-dia

1 – 2

1 – 2

a finura das pernas diz sobre
coragem quando suspensa
baldes com água fervente
estão prontos quinas presas
se abrem para sua chegada
agora que é tão aérea

– você gosta das coisas em estados fantasmas
às vezes é preciso tocar nelas, como me tem e me manuseia

me vejo livre da culpa quando suas folhas magras
caem no chão do banheiro encontrando no ralo
uma forma de chegar aos oceanos

me vejo livre da culpa quando
escuto teu cheiro correndo a casa
transformando todo o ar meus brônquios
em incenso

– é com um pouco de sede que eu me desenvolvo
por isso gosto de beira mar e te digo que saiba viver entre o
seco e o úmido
não se importe se as pessoas vão dizer que você muda de
estado com facilidade
entre os raminhos separados por barbante
colocamos nossos óculos escuros

vibrações em hertz hobbies riscos
- sem ligar o subwoofer não vou conseguir ouvir minhas
irmãs em plantasia

alguns ramos estalam ardem outros
vem tomar banho quente comigo
tem sempre os que preferem
besuntados no azeite
pegar um bronze com batatas

alecrim carrega um pingente
com um pouco de sua terra dentro
lá guarda compactos que giram
quando já não há mais saudade

mergulha-dor

para atafona

quando a atmosfera é medida
sob os pés
ou livra pressão
ou tímpanos escorrem até
o encontro entre quem mergulha
e cidades com fundas feitiçarias

lá residem peixes e células
subaquáticas
pedaços de carta para amantes
visíveis só em mecânicas celestes
memória quando é baixa-mar
quartos infantis azulejos recém
comprados há décadas
e hoje são passarela
para douradas barbatanas
com pedaços da rede feita
por seu arlindo

três gerações contadas por gestos
cinquenta anos jogando com asfaltos
atrás dos barquinhos e flores

belíssimo horizonte com você

para d. resende

primeiro encontro
foi
ficção
imagem e movimento
sem corte
na praça da liberdade

acordar com seu
nome
que pronuncio em gagueira

passando os planos
como fazem
aflitas estações
em busca de alguma luz
no plexo solar

parques de camas elásticas
giros no ar
saltando como toda
boa menina te digo
de cabeça para baixo

οι άπίστευτοι οχηματες ε ογορ

temos chance
ainda mais
à esquerda
munidos de rum e coca cola

depois de ter passado
rio muriaé
piranga
maranhão

quando souber
dizer seu nome
aos pés
dos cometas
gerais

lia e eu

lia e eu
somos parecidas
ela é intrauterina
tem lábios em formação
também palavras
quem sabe versos

tal um embrião
sempre faltam mais alguns meses
para o grande mergulho
saímos com bastante calma
o trabalho de parto é longo
nunca teve fim

minha filha mora no planeta placenta
desistiu de ir embora
agora espera o corte dos sangramentos
o olho de volta no rosto dos manifestantes
longas respirações e contrações no país
para nascer outra vez

Chiquinho

aprende Francisco
nem todo telhado é feito nuvem
para você descansar perto do sol

nem todo muro irá sustentar
seu salto nota dez

aqui na sala mesmo
tem uma janela sempre aberta
cama feita
ração fresca
água corrente que te lembram florestas
nunca antes pisadas

você lembra o som das quedas
saliva com peixes
está tudo inscrito em algum lugar
do seu felpo agora machucado

ei chico
deixa a lapa para lá

sua gangue de gatinhos
já não é mais a mesma

Maria Clara Montalvão

Sobre a autora

Maria Clara Montalvão

Graduada em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual (PPGCine) do Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena e estuda Cinema de Grupo e Práticas de Cuidado no Laboratório Kumã da UFF. Em 2022, publicou pela editora Escaleras o livro *Danças*, em coreografia com as poetas Eliza Araújo e Quel Medeiros.

Email: mclmoliveira@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4068-1205>